

1. ARTÍCULOS

De Matthew Bondman a Toussaint Louverture: uma janela para *Os Jacobinos Negros* de C. L. R. James

FROM MATTHEW BONDMAN TO TOUSSAINT LOUVERTURE: A WINDOW TO *THE BLACK JACOBINS* BY C. L. R. JAMES

Erik Wellington Barbosa Borda

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil

ewbborda@gmail.com

RESUMO: Este texto argumenta, a partir de uma revisão de estudos acerca da obra do autor trinitino C. L. R. James, que as reflexões de James sobre Matthew Bondman em *Beyond a Boundary* condensam preocupações e posições intelectuais duradouras do autor. Essa condensação é tomada aqui não só como uma epistemologia particular a seus escritos, mas também como uma chave pela qual é possível interpretar as intervenções intelectuais de James. Como desenvolvimento desse ponto, oferece-se uma leitura de sua obra *Os Jacobinos Negros* a partir de quatro deslocamentos identificados.

PALAVRAS-CHAVE: C. L. R. James, Os Jacobinos Negros, Caribe, pós-colonial, pan-africanismo.

ABSTRACT: This text argues, based on review of studies concerning the Trinidadian author C. L. R. James, that James' reflections on Matthew Bondman in *Beyond a Boundary* sums many author's long lasting intellectual concerns and positions. This condensation is taken here as not only

an epistemology particular to his writings, but also as a key to interpret James' intellectual interventions. As a development of this standpoint, it is offered a reading of *The Black Jacobins* based on four displacements that were identified in this work.

KEYWORDS: C. L. R. James, *The Black Jacobins*, Caribbean, post-colonial, pan-africanism.

INTRODUÇÃO

Cyril Lionel Robert James inicia seu semiautobiográfico clássico acerca do críquete, *Beyond a Boundary*, com a narrativa de um episódio de sua infância. Esse retorno a algo que lhe passou quase seis décadas antes ocorre pelo novo significado que essas experiências assumiram para o autor: “Hegel diz em algum lugar que o velho repete as mesmas orações que repetia quando era criança, mas agora com a experiência de uma vida.”¹ (James, *Beyond* 17). Sua casa em Tunapuna, cidade onde nasceu e cresceu², localizava-se ao lado de um campo de críquete. Tão perto que, de acordo com James, “um árbitro poderia ficar na janela do quarto” (James, *Beyond* 13) e “de pé sobre uma cadeira um pequeno garoto de seis anos de idade podia ver os treinos todas as quartas e partidas aos sábados”³ (James, *Beyond* 13). A vista de sua janela era a vista da vida social trinitina, que dentro de sua casa tentava ser afastada pelos valores coloniais vitorianos⁴ de respeitabilidade impostos por sua família. A me-

¹ Todas as citações em português, ao longo do texto e das notas, cujos títulos das obras correspondentes estão em inglês nas Referências, foram traduzidas pelo autor.

² Para Kent Worcester (3), um dos principais biógrafos de James, o autor teria nascido na vila de Caroni. Selwyn Cudjoe destaca que apesar dessa informação, James sempre afirmou ter nascido em Tunapuna, e nunca contradisse as informações biográficas apresentadas por Margaret Busby nos três volumes de suas obras escolhidas (Cudjoe 128).

³ Tradução do autor.

⁴ Bill Schwarz ressaltou esse traço peculiar das sociedades do Caribe britânico, que lhes proporcionava processos de socialização distintos em relação a outras possessões britânicas não-brancas, “*a questão da penetração profunda incomum de instituições da vida cívica vitoriana na organização cultural do Caribe colonial*.” (Schwarz, “Introduction” 12; tradução do autor). Embora nascido bem ao final do período vitoriano, James teve sua infância moldada por esse universo. Os rumos políticos

tonímia desse encontro está personificada na figura de um “vagabundo” (*ne'er-do-well*), que “não prestava para nada a não ser jogar críquete”⁵, nas palavras da avó de James (*Beyond* 14), chamado Matthew Bondman. O que chamava a atenção de James à época, e que ele apenas entenderia o significado décadas depois, era “o contraste entre a existência de dar pena de Matthew enquanto indivíduo e a atitude que as pessoas tinham para com ele”, pois “Matthew, tão cru e vulgar em todo aspecto de sua vida, com um taco na mão era todo graça e estilo”⁶ (James, *Beyond* 14).

Como poderia um sujeito cujo modo de vida era tão abominável⁷ ser tão bom no jogo? Bondman e a arte⁸ que empreendia nas partidas de críquete revelaram a James pela primeira vez o potencial civilizatório das classes populares caribenhas, potencial este constantemente perturbado pelas condições e contradições do regime colonial. Neste texto, argumenta-se, a partir de uma revisão da fortuna crítica da obra jamesiana, que essas reflexões de James acerca de Matthew Bondman no primeiro capítulo de *Beyond a Boundary*, “A Janela”, condensam uma série de posições políticas e intelectuais duradouras que atravessam a obra do autor⁹. A janela a que James se refere no início do livro pode ser pensada não somente como uma epistemologia particular inerente a seus escritos, mas também como um prisma através do qual se pode revisitar suas contribuições. Passaremos, assim, primeiro a uma discussão do que

futuros de James, porém, levam George Lamming a melhor qualificá-lo como um “*vitriano com a semente rebelde*.” (Lamming 151; tradução do autor).

⁵ Tradução do autor.

⁶ Tradução do autor.

⁷ “Ele já era um jovem desde que lembro dele pela primeira vez, de estatura e tamanho medianos e com uma péssima personalidade. Ele geralmente estava sujo. Ele não trabalhava. Seus olhos eram ferozes, sua linguagem era violenta e sua voz era alta” (James, *Beyond* 14; tradução do autor).

⁸ Deve-se ter em mente que, para James, o críquete é muito mais que um esporte. Não apenas é um tipo de arte como também envolve dimensões que no geral se poderia facilmente argumentar que “não são críquete”. Tal se dá pois James via no críquete “um dos modos civilizados pelos quais a luta anti-imperialista era jogada” (Hall 13; tradução do autor).

⁹ Em *Caliban's Freedom*, Anthony Bogues coloca que a “teoria política de C. L. R. James começa simbolicamente com Matthew Bondman” (Bogues 27; tradução do autor), e Sylvia Wynter afirma que o que define como “uma teoria pluri-conceitual” é produto da jornada de James, realizada para “fazer a ponte da separação inicial entre ele próprio e Matthew Bondman, do esforço para traçar lineamentos de suas aflições e destinos comuns” (Wynter 84; tradução do autor).

consiste essa epistemologia particular –que elementos lhe distinguem–, destacando sua origem na formação inicial do autor no Caribe colonial e posterior mudança à Inglaterra. Em seguida, mostraremos de que maneira ela pode ser mobilizada para uma leitura daquela que muitos consideram sua *magnum opus*: *Os Jacobinos Negros*, de 1938.

MATTHEW BONDMAN ENQUANTO CALIBÁ

É difícil falar de intelectuais afrocaribenhos sem falar na experiência do exílio. Gerações de pensadores, ativistas, poetas e escritores das antigas Índias Ocidentais se viram obrigados a deixar suas terras, muitas vezes para nunca mais regressar. Esses deslocamentos e a consciência decorrente parecem ter se refletido em suas obras e projetos. Para quem vinha da periferia colonial, era evidente que o Mundo era visto de outro modo, que os discursos que lhes eram oferecidos não tinham o mesmo significado, que eram decompostos e rearticulados em uma nova combinação para se adequar a uma realidade humana muito diferente. A experiência de C. L. R. James não foi exceção, mas regra. Aqui, a experiência de deslocamento físico –que é sempre também uma experiência de deslocamento pelo espaço social e suas lógicas de racialização– carregou consigo deslocamentos nos discursos teóricos com os quais esses intelectuais tiveram contato. Bill Schwarz ressalta essa diferença entre as “condições de viver uma existência relativamente privilegiada em uma Inglaterra imaginada nas colônias” e “viver como um sujeito colonizado na Inglaterra realmente existente”¹⁰ (Schwarz, “Where is...” 389). Esse descompasso, a experiência social do deslocamento, longe de apagar ou substituir a alienação imposta pela cultura colonial, recondiciona a maneira de apreendê-la. Assim, Schwarz completa “que essas rupturas culturais envolvidas ao se fazer sentido dessas jornadas foram poderosos ímpetus intelectuais –em condições históricas particulares– para a formação dos Estudos Culturais”¹¹ (*ibid.*).

¹⁰ Tradução do autor.

¹¹ Tradução do autor.

A experiência diaspórica por excelência de C. L. R. James foi condição de possibilidade, em seu caso, para a articulação particular que realiza das influências em sua trajetória. O significado do deslocamento desde o ponto de vista da teoria, portanto, refere-se a tal apreensão dos discursos teóricos por meio de uma experiência social outra, à janela pela qual a cisão oriunda das contradições de ser um sujeito ao mesmo tempo colonizado e formado por algumas das principais tradições críticas da modernidade pode ser manifestada.

Afirmar o papel do exílio sobre as trajetórias intelectuais, porém, não deve implicar na pressuposição de que para essas gerações de intelectuais afrocaribenhos—anglófonos mas não somente— formados sob a égide do colonialismo, o contato com a “pátria mãe” (*mother country*)—uma vez que a maior parte desses autores iam para as metrópoles—ocorresse pela primeira vez por meio do deslocamento físico¹². Muito pelo contrário, toda experiência intelectual obrigatoriamente se remetia à presença imaginária e real da Inglaterra Imperial, de modo que intelectualmente se vivia no exterior. No caso de C. L. R. James, o contato de fato com a metrópole fora precedido de um preparo até mais longo que outros de seus conterrâneos. James deixa sua Trinidad natal apenas em 1932, quando já tinha 31 anos.

Embora o espaço não permita uma exposição mais detalhada da trajetória de James, convém ressaltar alguns elementos que marcaram a vida do autor no Caribe até a publicação de *Os Jacobinos Negros* na Inglaterra. Em primeiro lugar, sua formação é marcada pelo acesso à educação de elite da ilha. James foi o mais jovem a ser aprovado no concorrido exame para bolsas do Queen’s Royal College, cujas taxas

¹² A questão do exílio, de longe, não se limita a intelectuais afrocaribenhos e tampouco apenas nestes teve efeitos determinantes sobre a produção teórica. Entretanto, as condições estruturais e culturais nas quais se davam esses exílios parece ter aqui alguma idiosincrasia. Em seu clássico sobre a experiência intelectual afrocaribenha na Inglaterra, George Lamming ressalta o que entende como “complicações”: “Ser um exilado é estar vivo.” Porém, “quando o exilado é um homem de orientação colonial, e sua residência de escolha é o país que colonizou sua própria história, então há algumas complicações” (Lamming 24. Tradução do autor). Entre as inúmeras complicações, Lamming destaca a ansiedade que a imaginação colonizada manifesta em relação à cultura da metrópole, a quem supostamente conhece desde sempre e a quem sempre tem que demonstrar seu valor.

eram artificialmente infladas para a manutenção das posições-chave do regime às classes dominantes (McAuley 16). Segundo James, esse colégio e o St. Mary's eram dos poucos a oferecer uma educação secundária. Ao acesso à educação, soma-se o fato de que sua família era detentora de um extenso capital cultural¹³. James destaca que da mesma janela em que via Matthew Bondman no campo de críquete, ele podia esticar os braços e alcançar livros da biblioteca de sua mãe, fazendo de si uma espécie de “um intelectual britânico muito antes dos dez anos de idade”¹⁴ (James, *Beyond* 28). O mergulho no núcleo espiritual da civilização ocidental possibilitado por essa formação se mostrará determinante para seu destino social.

Essa preparação, porém, tinha limites. Se por um lado ela permitia a James aproveitar o melhor da vida “essencialmente moderna” do Caribe¹⁵, ela não permitia o afastamento das contradições da situação colonial, nem do peso estruturante que raça, etnia e casta tinham sobre a vida social trinitina. Por mais que a atmosfera do Queen's Royal College tentasse ativamente expulsar as margens coloniais e suas contradições, ao ponto de James chamar o colégio de “nosso pequeno Éden”, devido a esse esforço, “a questão racial não tinha que ser agitada. Ela estava lá”¹⁶

¹³ C. L. R. James descreve sua mãe como como uma leitora ávida, uma mulher cujo gosto pela cultura e leitura herdado dos tempos de convento e o domínio dos códigos morais da respeitabilidade teriam mesmo lhe permitido, segundo Paul Buhle, biógrafo de James, ser a única mulher não-branca a ser convidada a tomar chá com uma pessoa branca (Buhle 15) – o que na Trinidad colonial era grande coisa. Seu pai, por sua vez, havia encontrado na carreira docente uma rota de fuga da pobreza. James destaca que à época, ser professor era uma posição de alta estima social, uma vez que apenas o padre ou o ministro gozavam de status mais alto. Ambos teriam lhe inculcado o hábito da leitura e tido peso determinante sobre o acesso à educação do jovem James.

¹⁴ Tradução do autor.

¹⁵ “Essas populações são essencialmente ocidentalizadas e foram ocidentalizadas por séculos. A porcentagem de alfabetização é extremamente alta. Em pequenas ilhas como Barbados, Trinidad e Jamaica, e mesmo na sua própria Guiana Britânica, a população está tão concentrada que com o desenvolvimento do transporte a motor, ninguém está muito distante do centro das coisas. Há uma imensa concentração de conhecimento, aprendizado e informação. O povo vive vidas modernas. Eles leem jornais modernos baratos, eles ouvem o rádio, eles vão ao cinema. O mundo moderno está pressionando sobre eles de todos os lados, dando origem a desejos e aspirações modernos” (James, “Lecture...”; tradução do autor).

¹⁶ Tradução do autor.

(James, *Beyond* 39). Um exemplo é a tentativa de alistamento de James em 1918 para lutar na Primeira Guerra, que não foi possível por uma questão de cor; James foi considerado muito escuro. Sobre o fato, James comenta, entretanto, que: “Nem machucou por muito tempo porque por muitos anos essas cruas intrusões do mundo que nos cercava foram excluídas. Eu nem sequer havia sido ferido, pois nenhuma cicatriz foi deixada”¹⁷ (James, *Beyond* 40). Nesse sentido, o segundo elemento que deve ser destacado é o fato de que James teve abertas vias de acesso às forças populares e ao que Kent Worcester chamou de “hábitos plebeus” (Worcester 11), como o críquete –no qual podemos enquadrar Matthew Bondman– e o calypso¹⁸.

Mencionamos na introdução que Matthew Bondman ocupa um espaço significativo das memórias de infância de James e que, argumentamos, pode ser uma janela para o universo mais geral de seus escritos. Quem era, porém, Matthew Bondman? De Bondman enquanto indivíduo sabemos muito pouco além do que James nos revela brevemente no primeiro capítulo de *Beyond a Boundary*, e há um motivo importante para isso. James nos diz que a família de Bondman alugava uma propriedade da família de James já há algum tempo, e que no geral se tratava de uma família –com exceção do pai– “insatisfatória” (James, *Beyond* 14). Sem embargo, esses Bondmans nunca de fato existiram. Uma pesquisa realizada em arquivo por Minkah Makalani revelou que o sobrenome “Bondman” se trata, na verdade, de um pseudônimo criado por James, provavelmente para evitar trazer problemas legais para a editora Hutchinson, que publicou a primeira edição de *Beyond a Boundary* (Makalani 96). David Austin critica essa ausência de uma descrição mais detalhada de “Bondman sem

¹⁷ Tradução do autor.

¹⁸ Calypso é um estilo musical típico de Trinidad. James conta que desde pequeno, apesar de restrições da família, esteve interessado pelo ritmo e relata em uma entrevista sua proximidade com o universo: “P. B.: Você se interessava por música? C. L. R.: Eu era muito curioso. Eu era um homem clássico, mas eu era também um homem de calypso. E eu fui o primeiro a escrever um ensaio dizendo tudo aquilo, que calypso era música, que é nossa. Eu fico muito contente por isso [...]. P. B.: Você tinha amigos entre os calypsonianos? C. L. R.: Eles vinham até mim e conversavam comigo toda hora porque eu era aquele que escreveu sobre eles. E eu disse: ‘olha, essas pessoas são artistas, artistas locais.’ Então eles vinham conversar, me contar, e eu conversava com eles e ia ouvi-los. Isso era grande coisa naqueles tempos” (James, “The making” 59; tradução do autor).

taco na mão” como um gesto mesmo “não-jamesiano” (Austin 110), na medida em que não há descrição do processo que o colocaria em sua condição socialmente precária.

Como se verá na seção seguinte, a criação de personagens literários a partir de figuras reais não é algo estranho a James, que realiza o mesmo a partir do revolucionário haitiano Toussaint Louverture, mas a informação de Bondman se tratar de um pseudônimo parece evidenciar ainda mais a possibilidade de tratá-lo como uma janela para uma modalidade de trabalho intelectual que não separa teoria e política de suas manifestações estéticas. O anonimato ao qual Bondman está sujeito em *Beyond a Boundary* é o que permite a James apreender o trágico e o heróico da epopeia caribenha na modernidade, do mesmo modo que a figura de Toussaint aparece em seu épico histórico acerca da Revolução Haitiana. Bondman, enquanto construção, aparece como a potência de realizações de feitos universais a partir de condições sociais consideravelmente adversas, e o fato de James não explorar as relações entre essas duas dimensões tampouco é estranho ao autor. No prefácio de *Os Jacobinos Negros* James diz de maneira ambígua não ter sido “Toussaint que fez a revolução”, mas “a revolução que fez Toussaint, e mesmo isso não é toda verdade” (James, *Os Jacobinos* 16). Qual seria toda a verdade, James nunca disse.

Do que foi dito, podemos afirmar que quando parte para a Inglaterra em 1932, onde residiria pelos 6 anos seguintes, James já havia articulado, portanto, dois elementos particulares de sua formação caribenha que nos interessam aqui, o humanismo britânico e o realismo da vida das Índias Ocidentais. Tal articulação é evidente em seus escritos¹⁹ desse momento, mas é apenas na metrópole que se constitui o radicalismo²⁰ que marca suas produções seguintes, cuja epítome –que fecha essa sua primeira estada na Inglaterra antes de partir aos EUA– é o livro *Os Jacobinos Negros*, de 1938. As raízes desse radicalismo podem ser encontradas no

¹⁹ Desse período convém destacar sua produção literária, nem sempre considerada, em contos como *Triumph*, *Turner's Prosperity* e seu único romance *Minty Alley*. Há também seus escritos políticos, dos quais aqui se destaca o livro *Life of Captain Cipriani: an account of British government in West Indies*, escrito pouco antes de James ir para a Inglaterra.

²⁰ Para Christian Høgsbjerg, teria sido na Inglaterra, e não nos Estados Unidos –como às vezes se costuma afirmar–, que ocorre a radicalização de James (*C. L. R. James in Imperial*).

contato de James com mais dois elementos que defendemos constituir sua “janela para o mundo”: o marxismo e o pan-africanismo. O primeiro é melhor qualificado como um encontro com o marxismo por meio do trotskismo. Ainda que afirme ter sido “Thackeray, e não Marx, que teve a maior responsabilidade sobre”²¹ si (James, *Beyond* 47), o marxismo foi uma influência indispensável. Em sentido inverso, os dotes literários e a erudição de James se mostraram ótimos acréscimos ao pequeno movimento trotskista britânico, e em apenas cinco anos James escreve o primeiro “estudo antistalinista compreensivo do Comintern, e o único durante muitos anos que não esteve baseado na reafirmação confortável das muitas virtudes do capitalismo”²² (Buhle 51). De fato, a associação íntima de James com o projeto marxista muitas vezes levou o autor a ser visto eminentemente por esse crivo, deixando outros elementos de lado. Entre esses outros elementos está, é claro, a questão racial. Anthony Bogues afirma, a partir de Cedric Robinson, que o pensamento de James bem pode ser interpretado como um “marxismo negro” (Bogues 8), na medida em que articula tradições negras e tradições marxistas em sua “prática política dual”, que Robin Kelley classifica como sua tentativa de conciliar dois mundos políticos, o pan-africanismo e o socialismo (Kelley 13). Seja como for, os vínculos com o marxismo são fortes em James, mas como foi apontado na exposição sobre os anos iniciais de James no Caribe, a questão racial “estava lá” antes do marxismo. Pode-se dizer que o marxismo aparece como um choque que reorganiza política e intelectualmente James. Um choque forte.

O pan-africanismo em James, por sua vez, pode ser visto, de acordo com Paul Buhle, como “um alargamento de seu nacionalismo das Índias Ocidentais”²³ (Buhle 53). O ponto alto desse complexo alargamento – uma vez que James tinha contato com ideias pan-africanas já em Trinidad²⁴ – corresponde ao envolvimento do autor com a reação de intelectuais coloniais à invasão italiana da Etiópia em 1935. Londres foi

²¹ Tradução do autor.

²² Tradução do autor.

²³ Tradução do autor.

²⁴ “Padmore e eu nas Índias Ocidentais: nós líamos o jornal de Garvey ‘The Negro World’. Eu costumava comprar o jornal de Garvey todo sábado de manhã na rua Frederick, cerca de 10 ou 15 jardas da delegacia de polícia. Isso é importante porque o jornal era proibido pela polícia, e eu tenho certeza que dentro da delegacia muitos deles também o estavam lendo” (James, “Reflections...”).

durante a primeira metade do século XX uma oficina de ideias anticoloniais, e tal como com o marxismo, James aparece aqui na posição de influente e influenciado em organizações que mudaram os rumos da luta por emancipação e autodeterminação negras globalmente, como a Amigos Internacionais Africanos da Abissínia (IAFA), posteriormente reorganizada após a crise etíope como Escritório de Serviço Internacional Africano (IASB). Esta organização foi responsável por uma atividade de propaganda na Inglaterra dos anos 1930 que ventilou a unidimensionalidade dos debates marxistas eurocêntricos centrados na classe. Apesar de pequeno, o grupo e seu periódico, o *International African Opinion* –editado por James entre julho e outubro de 1938, quando parte para os Estados Unidos–, foram profundamente influentes, trazendo à tona o tema do colonialismo em um momento no qual essa questão corria o risco de ser obliterada por temas “mais urgentes” aos europeus como o nazi-fascismo e a perspectiva de uma guerra (Kelley 14).

No prefácio de *Beyond a Boundary* James afirma, em reflexão autobiográfica, que “se as ideias se originaram nas Índias Ocidentais, foi apenas na Inglaterra e na vida e história Inglesas que [ele foi] capaz de segui-las e testá-las. Para estabelecer sua própria identidade, Caliban, depois de três séculos, teve que ele próprio desbravar regiões que César nunca conheceu”²⁵ (James, *Beyond* 9). Se elementos radicais em potência podem ser apreciados em seus escritos e atividades em Trinidad, é o contato com o marxismo e o pan-africanismo na Inglaterra, em adição ao humanismo e à experiência social trinitina, que possibilitou os principais deslocamentos que traz sua obra, em particular em *Os Jacobinos Negros*. A articulação dos quatro elementos que reconhecemos conformam o que chamamos de a janela de James. Embora Bondman tenha feito parte da infância do autor, ele é discutido apenas décadas depois, cerca de 25 anos após *Os Jacobinos Negros*. Durante esse meio tempo, a trajetória de James aguça essa articulação; o autor vive nos EUA, rompe com o trotskismo, é expulso do país, volta à Trinidad às vésperas de sua independência, auxilia Kwame Nkrumah no processo de outra independência, dessa vez em África. É inevitável refletir acerca dos significados desses eventos na modulação de Bondman enquanto uma figura totêmica da própria experiência afrodiáspórica política e pessoal de James, de modo que aqui

²⁵ Tradução do autor.

seu passado, presente e futuro²⁶ são condensados autobiograficamente em um gesto ao mesmo tempo estético e político. Bondman é, enquanto o Calibá de Shakespeare, a cria monstruosa da civilização ocidental, que em sua rebelião contra ela termina por superá-la. Assim como afirma Henry Louis Gates Jr acerca da estética literária afro-americana, o que interessa aqui não é sua factualidade, mas sua veracidade (Gates Jr 27).

Ao ler *Os Jacobinos Negros* por essa janela, a saber, pela articulação particular que James faz dos quatro elementos que destacamos, identificamos quatro deslocamentos em sua obra em alguma medida correspondentes. O primeiro deslocamento envolve o debate acerca da relação entre a instituição da escravidão e a vida moderna, tanto em suas dimensões políticas quanto culturais. O segundo diz respeito à narração dos fatos históricos no livro, que oscila por fins de necessidade política entre gêneros distintos. O terceiro concerne ao tema dos universais e o papel da revolução dos escravos em sua construção e consolidação. O quarto e último, por sua vez, à forma como a questão racial aparece em James, ainda que tenha trabalhado desde uma perspectiva influenciada pelos clássicos marxistas da revolução. A seguir, passaremos então à discussão desses deslocamentos. É digno de nota que nosso foco não estará nos eventos históricos da Revolução Haitiana narrados no livro, mas sim nos contornos da interpretação de James e os aspectos que tornam seu ponto de vantagem oportuno. “Os homens fazem sua própria história. E os jacobinos negros de São Domingos fariam a história que mudaria o destino de milhões de homens e o curso econômico de três continentes” (James, *Os Jacobinos* 39).

UMA NOTA SOBRE *OS JACOBINOS NEGROS*

Os Jacobinos Negros: Toussaint Louverture e a revolução de São Domingos é uma das principais obras de C. L. R. James. Marcado por uma profunda sensibilidade tanto no nível histórico quanto estético-literário (Bogues, *Caliban's freedom*; Kelley, “Introduction”; Henry, *Caliban's Reason*) –se for possível separar as duas dimensões

²⁶ “Aqui estão brevemente algumas das experiências de uma vida que colocaram Matthew Bondman e Arthur Jones dentro de um quadro de referência que se estende a leste e a oeste a distância, de volta ao passado e adiante ao futuro” (James, *Beyond* 17; tradução do autor).

na poiesis jamesiana (Wynter)–, James tenta retratar a “única revolução de escravos bem-sucedida da história” (James, *Os Jacobinos* 15). Em 1938, quando foi publicado, a empreitada mostrou-se um rompimento radical, uma vez que para realizá-la era necessário afirmar não só a agência do contingente escravo e negro, mas também o quão extraordinária ela havia sido e ainda era –afinal “o livro foi escrito tendo em mente a África e não o Caribe” (James, *Os Jacobinos* 12)–: “aqueles que se deram ao trabalho de observá-los longe de seus senhores e no convívio entre si não deixaram de ver a extraordinária agilidade intelectual e vivacidade espiritual que tanto distingue seus descendentes nas Índias Ocidentais de hoje” (James, *Os Jacobinos* 31).

Cinco anos antes de sua publicação, em 1933, a Inglaterra celebrava o centenário da abolição da escravidão no império. A narrativa ressaltava a benevolência e elevada consciência moral de ativistas, majoritariamente brancos, responsáveis pelo feito. James estava há um ano na Inglaterra quando comemorações diversas foram organizadas pelo país, e uma delas, inclusive, era uma peça de teatro na qual o “tory” William Wilberforce aparecia como protagonista, e do qual “uma personagem representando a ‘Liberdade’ dizia: ‘ele causou a abolição do tráfico de escravos’”²⁷ (Høgsbjerg 167). James fora convidado a dar uma entrevista à rádio BBC acerca do tema, mas centrou suas críticas ao que via como o mito do Caribe como habitado por “raças atrasadas” e, de acordo com Høgsbjerg, pouco fez para questionar a narrativa acerca de Wilberforce e os abolicionistas brancos (Høgsbjerg 168-169). Três anos depois a situação já seria respondida de outra maneira com a estreia da peça *Toussaint Louverture* e, claro, com *Os Jacobinos Negros*, onde mais fulcral que a virtude europeia para a conquista da liberdade foram as ações concretas de negros africanos escravizados e suas lutas.

O título do livro é revelador da posição jamesiana. Pensar os escravos revoltosos de São Domingos como “jacobinos” significa sintonizar suas ações com eventos que aconteciam na Europa, significa inserir sua luta em uma corrente global –e por que não universal?– comum, na qual eles tiveram sua parte na destruição do Antigo Regime europeu e na construção das formas pelas quais “o novo entra no mundo” (Bhabha

²⁷ Tradução do autor.

292). “Os negros estavam assumindo a sua parte na destruição do feudalismo europeu iniciado com a Revolução. E liberdade e igualdade, as palavras de ordem da revolução, significavam bem mais para eles do que para qualquer francês” (James, *Os Jacobinos* 185-186). O livro é em si epítome do que Sylvia Wynter chama da “contradoutrina da poiesis jamesiana”²⁸ (Wynter), um deslocamento das categorias para além das concepções do senhor.

OS QUATRO DESLOCAMENTOS

As notícias da Revolução Francesa circulavam pela São Domingos colonial. De certa forma, a atitude europeia de não ver no escravo um contingente humano foi relevante para isso. “De Wimpffen perguntou-lhes [aos brancos] se não tinham medo de travar perpétuas discussões sobre liberdade e igualdade diante dos escravos” (James, *Os Jacobinos* 88). Dito e feito, os panfletos e as notícias que circulavam chegaram aos ouvidos dos negros. “Mas, enquanto isso, e os escravos? Eles ouviam falar da Revolução e conceberam-na à sua própria imagem: os escravos brancos da França se levantaram e mataram os seus senhores e, assim, passaram a gozar dos frutos da terra. Isso era grosseiramente impreciso, de fato, mas eles haviam apanhado o espírito da coisa” (James, *Os Jacobinos* 87). Há na proposta do jacobinismo negro de James aí esboçada algo importante e subjacente às assertivas do autor acerca da agência dos escravos e o primeiro deslocamento que trataremos. Deve ser sublinhada sua interpretação acerca do caráter primordialmente moderno do Caribe e da instituição da escravidão.

Buhle, nesse ponto, compara *Os jacobinos negros* ao livro de Trotsky *A história da revolução russa*, afirmando que “toda a premissa do trabalho de Trotsky se assentava sobre o atraso da Rússia, enquanto toda premissa do trabalho de James assentava-se sobre a obversa modernidade de São Domingos”²⁹ (Buhle 60). De acordo com Cedric Robinson, “o enquadramento teórico de *Os Jacobinos Negros* era, claro, as teorias da revolução desenvolvidas por Marx,

²⁸ Tradução do autor.

²⁹ Tradução do autor.

Engels, Lenin e Trotsky”, no entanto, assim como nas apropriações que James havia feito de Matthew Arnold no Caribe, já havia um deslocamento analítico, pois “os escravos do Haiti não eram um proletariado marxista. Não importava para James: os processos de formação social eram os mesmos”³⁰ (Robinson 274-275).

Para C. L. R. James, os escravos de São Domingos,

trabalhando e vivendo juntos em grupos de centenas nos enormes engenhos de açúcar que cobriam a Planície do Norte, estavam mais próximos de um proletariado moderno do que qualquer outro grupo de trabalhadores daquela época, e o levante foi, por essa razão, um movimento de massas inteiramente preparado e organizado (James, *Os Jacobinos* 91).

Robinson explica a posição de James nos seguintes termos:

O capitalismo produziu suas negações sociais e históricas em ambos os polos de sua expropriação: a acumulação capitalista originou o proletariado no núcleo manufatureiro; a “acumulação primitiva” depositou a base para as massas revolucionárias nas periferias. Mas o que distinguia as formações dessas classes revolucionárias era a fonte de seus desenvolvimentos ideológicos e culturais. Enquanto o proletariado europeu foi formado por meio de e pelas ideias da burguesia (“as ideias dominantes”, Marx e Engels sustentavam, “eram as ideias da classe dominante”), no Haiti e presumivelmente qualquer outro lugar com populações escravas, os africanos construíram sua própria cultura revolucionária³¹ (Robinson 275).

Høgsbjerg, na mesma linha, afirma que *Os Jacobinos Negros* é uma aplicação excepcional da ideia de Trotsky de desenvolvimento desigual e combinado, na qual as *plantations* aparecem como instituições modernas e capitalistas (Høgsbjerg 177). Brett St Louis interpreta tal abordagem de James acerca das Índias Ocidentais como precursoras da modernidade em sintonia com outro deslocamento do livro que será discutido mais adiante, a saber, aquele do papel da narração dos fatos históricos. Para St Louis, James opta por abrir mão do que ele qualifica como o

³⁰ Tradução do autor.

³¹ Tradução do autor.

“exame formalista empírico” do marxismo, pois, para St Louis, James vê a modernidade como algo que se trata “essencialmente de pessoas, e não coisas”³² (St Louis 36).

A qualificação de James mais acima acerca do levante como “um movimento de massas inteiramente preparado e organizado” merece particular atenção, pois ainda que James aponte já em *Os Jacobinos Negros* o caráter inerentemente moderno do Caribe, isso não implicou em sua interpretação o pressuposto de que esse movimento de massas tenha se dado em modos europeus e “típicos” de luta e organização revolucionárias. Assim como Du Bois antes dele, que viu nas *Sorrow Songs* dos escravos uma manifestação de angústias que não podiam se expressar de outra forma, e Fanon depois dele, que via na produção artística – como o bebop – os sintomas da efervescência revolucionária, C. L. R. James tinha a sensibilidade de perceber que “o movimento revolucionário de massas toma formas que são frequentemente culturais e religiosas, ao invés de explicitamente políticas”³³ (Kelley 19). Em seu livro escrito no mesmo ano que *Os Jacobinos Negros*, *A History of Negro Revolt*, isso aparece, por exemplo, quando diz que “alegria do jazz do negro americano é uma reação semiconsciente ao sofrimento fundamental da raça”³⁴ (James, *A History* 90-91). Em *Os Jacobinos Negros*, James destaca o papel que o vodu teve na organização da luta revolucionária. No caso dos revoltosos do futuro Estado do Haiti, “o vodu era o meio da conspiração. Apesar de todas as proibições, os escravos viajavam quilômetros para cantar, dançar, praticar seus ritos e conversar; e então, desde a revolução, escutar as novidades políticas e traçar seus planos” (James, *Os Jacobinos* 91). A cultura revolucionária, nos termos de Robinson, aí descrita carrega a ideia menos normativa de que “não é preciso nem educação, nem coragem para nutrir um sonho de liberdade” (James, *Os Jacobinos* 32).

Mas James, como leitor que era da literatura marxista de seu tempo, estava ciente de que um nível de liderança era necessário para o movimento revolucionário acontecer. Existiam, certamente, as vastas forças impessoais, mas para James as revoluções são feitas por pessoas concretas, e aí a personalidade tem um papel essencial. A abordagem de James no tema, considerando que foi objeto de prolongadas discussões entre seus

³² Tradução do autor.

³³ Tradução do autor.

³⁴ Tradução do autor.

críticos e comentadores, revela o segundo deslocamento contido em *Os Jacobinos Negros*, no qual os gêneros de escrita dos fatos históricos são articulados de um modo peculiar. Ora James afirma que “Toussaint fez a história que fez porque era o homem que era” (James, *Os Jacobinos* 96) e em outro momento: “não foi Toussaint que fez a revolução, foi a revolução que fez Toussaint” (James, *Os Jacobinos* 16).

Tal possível paradoxo se origina da formação mista do autor enquanto marxista e romancista, dimensões inter cruzadas em sua obra. “De modo simples, enquanto James consistentemente enquadra a ação de massas como fundamental para a mudança histórica, sua fascinação pela força da personalidade e a liderança individual provê uma contradição recorrente”³⁵ (St Louis 29). Brett St. Louis traça um breve panorama sobre a crítica que foi feita a James nesse quesito, e diz que ela corresponde ao que se aponta como uma “inconsistência teórica” na compreensão de Hegel por parte de James (St Louis 29-30). Apesar de discordar das abordagens, St. Louis não deixa de considerar certo fundo de verdade nas afirmações, que “o pensamento de James inclui uma fetichização da personalidade, especialmente do líder carismático que deriva ‘seu’ mandato e poder de ‘sua’ habilidade de internalizar desejos sociais das massas –derivada da caracterização de Hegel do indivíduo ‘histórico mundial’”³⁶– (St Louis 30). Uma interpretação alternativa do problema aparece quando St Louis sinaliza o papel que a necessidade estético-narrativa teve em *Os Jacobinos Negros*, afinal James, apesar do que poderia ser visto como uma “fraqueza metodológica”, tenta no livro, mais do que oferecer uma explicação funcionalista, dotar o texto de “força moral” (St Louis 32). St. Louis, no entanto, não segue essa trilha.

A trilha é seguida pelo jamaicano David Scott em *Conscripts of Modernity*. Nesse livro, Scott está mais interessado em ver como as representações discursivas de eventos históricos estão intimamente associadas a suas manifestações estéticas, principalmente porque, em um texto como *Os Jacobinos Negros*, o que James quer é reconstruir um tipo específico de passado em vista das tarefas urgentes do presente e de uma perspectiva de futuro anticolonial. “Os jacobinos negros é um épico revolucionário. É precisamente a história narrativa de uma luta

³⁵ Tradução do autor.

³⁶ Tradução do autor.

revolucionária na qual, desde um presente particular, um certo passado é reconstruído e implantado à serviço de imaginar a direção na qual um futuro alternativo pode ser perseguido³⁷ (Scott 10). É assim que, segundo Scott, deve ser lido *Os Jacobinos Negros*, afinal, não partilharmos o mesmo “espaço-problema” de James. E nessa leitura se inclui o lugar construído para a personalidade na narrativa que mencionamos acima. De acordo com Scott: “Ele [James] estava preocupado em acertar as contas tanto com aquelas práticas historiográficas nas quais forças transcendentais conduzem eventos quanto aquelas nas quais a ação dos indivíduos aparece como mero epifenômeno de causas subjacentes³⁸ (Scott 39).

Kara Rabbitt aborda o problema na mesma direção, ancorando sua interpretação no intercruzamento de ficção e história na obra de James. Toussaint Louverture é uma figura alegórica e mítica, e portanto o que James teve que fazer foi criar “uma figura dramática a partir da histórica de Toussaint³⁹ (Rabbitt 120). Nesse sentido, a perspectiva marxista aparece mais como o que prepara o “palco” no qual atua Toussaint Louverture, principalmente, para Rabbitt, no que diz respeito a mostrar as dificuldades enfrentadas pelo “herói”. “As ações de Toussaint são mais significativas pelas dificuldades de suas circunstâncias; o palco marxista define o personagem clássico⁴⁰ (Rabbitt 125). Essa interpretação, em alguma medida, também pode ser apreciada na sistematização de Paget Henry (*Caliban’s Freedom*) acerca do pensamento filosófico afrocaribenho, que poderia, de acordo com o autor, ser compreendido em termos de duas tradições fundamentais, o poeticismo e o historicismo. James apareceria aqui como um dos poucos expoentes a articular ambas em sua obra. Nos termos de Rabbitt, “ao focar os personagens ‘poéticos’ mais do que o palco ‘científico’ no drama da Revolução Haitiana, James é bem sucedido em levar seu trabalho além dos limites do gênero estritamente histórico para nos guiar à compreensão do poder da imaginação literária de figuras históricas⁴¹ (Rabbitt 131).

37 Tradução do autor.

38 Tradução do autor.

39 Tradução do autor.

40 Tradução do autor.

41 Tradução do autor.

Por fim, ainda sobre o tema da narrativa, é válido atentar a outro elemento da poiesis jamesiana. David Scott, em seu estudo compreensivo acerca dos artifícios estéticos de *Os Jacobinos Negros*, destaca, a partir das reflexões de Hayden White, que escrever eventos históricos em uma trama pode seguir duas formas literárias: o Romance e a tragédia (11).

Essa é a ideia de que alguns dos traços formais de uma narrativa histórica – enredo, por exemplo – contêm em si determinados potenciais de história [story] derivados do modelo-mito ou mythos (como diria Northrop Frye) subjacente. Esses traços formais ajudam a dar à história escrita, independente de seu conteúdo semântico ou temático, a forma reconhecível de uma história [story] de um tipo (como o Romance) ao invés de outro (como a tragédia)⁴² (Scott 32).

No livro de James, entretanto, para Scott, aparece não uma “forma-história”, mas duas, que estão em tensão uma com a outra (Scott 32). O Romance é visto como um drama de redenção, já na tragédia não existem momentos festivos a não ser ilusórios (Scott 47). À primeira vista, *Os Jacobinos Negros* poderia ser visto como um Romance, mas justamente aquelas características da personalidade de Toussaint que garantiriam o caráter heroico e redentor da trama convertem o clássico de James em tragédia. “O fracasso de Toussaint foi devido ao esclarecimento e não à obscuridade” (James, *Os Jacobinos* 263).

O marxismo de James –principalmente em *Os Jacobinos*–, nesse sentido, reserva um lugar especial para a personalidade na fabricação da história, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, não aposta de uma forma ou de outra na ideia de uma condução das massas pelos intelectuais –cuja expressão máxima aparece na ideia do centralismo democrático de Lenin⁴³–. Toussaint e outros líderes apenas fizeram o que fizeram na medida em que escutaram as massas, e para James o grande erro de Toussaint, apesar de sua genialidade, foi deixar de escutá-las.

⁴² Tradução do autor.

⁴³ “A posição de James é a de um marxista. James é um marxista. E ele não tem nenhum remorso, e se define como um marxista e um leninista. Mas James abandona o conceito de partido de vanguarda, que o revolucionar de uma massa requer como condição algo chamado de partido de vanguarda” (Lamming e Buhle 29; tradução do autor).

As massas têm primazia sobre os intelectuais, suas energias são coisas incontroláveis, mas sem estes, não há garantia de sucesso. “É da tragédia dos movimentos de massa que eles necessitam, mas apenas raramente conseguem encontrar a liderança adequada” (James, *Os Jacobinos* 39). A tragédia de Toussaint, assim, foi a partir de determinado ponto perder os vínculos com essas energias e preocupar-se com as elites:

O que vale é a força e principalmente a força organizada das massas. Sempre, mas principalmente no momento da luta, um líder precisa pensar em suas próprias massas. O que importa é o que elas pensam e não o que os imperialistas pensam. [...] Mas Toussaint, como Robespierre, destruiu sua própria ala esquerda e com isso selou sua sorte. A tragédia é que não era necessária. [...] [Toussaint] Ignorou os trabalhadores negros, confundiu-os no momento em que mais precisava deles, e desnortear as massas é desfêchar o golpe mais mortal numa revolução (James, *Os Jacobinos* 261-262).

Vale dizer que pensar as massas com a capacidade inata de organizar a revolução não era algo particularmente novo. O que James fez foi destituir essa interpretação de seus monopólios eurocêntricos.

Em 1911, Hilaire Belloc, ao escrever sobre a Revolução Francesa, alegava que a capacidade instintiva das massas para uma organização revolucionária era algo peculiarmente francês. Era um engano. Ao mesmo tempo que os franceses, os semisselvagens escravos de São Domingos mostravam-se sujeitos às mesmas leis históricas que os trabalhadores avançados da Paris revolucionária; e mais de um século depois as massas da Rússia provariam, mais uma vez, que esse poder inato demonstrar-se-ia em todos os povos quando estes estivessem profundamente estimulados e aos quais fosse dada, por uma direção forte e que gozasse de confiança, uma perspectiva clara (James, *Os Jacobinos* 223-224).

Na verdade, o gesto de James nesse quesito é só uma parte do que parece sustentar a totalidade das reflexões de *Os Jacobinos Negros*, e que, no entanto, por fins de exposição, apresentaremos como o terceiro deslocamento, a saber, a disputa acerca dos universais e de quem está autorizado a discuti-los e realizá-los. Para Sylvia Wynter, a poiesis jamesiana pode ser vista como uma das formas de acesso ao universal,

mas não de uma universalidade abstrata, e sim de uma que se atenta ao particular. “A estrada para o universal passa pela realização do particular –ao menos no quadro conceitual popular”⁴⁴ (Wynter 87). Essa universalidade é, em James, aquela reivindicada pelas narrativas eurocêtricas da modernidade. St. Louis diz que:

A originalidade insurgente da compreensão geopolítica e humanista da modernidade em James é talvez mais evidente em sua tentativa dialética de sacar um exemplar da potencialidade progressista universal da vontade humana de um exemplo terrível de sofrimento e resistência particularistas⁴⁵ (St Louis 15).

Essa atitude manifestada por James, a tendência a ver as relações globais em jogo na construção dos universais (Tsing) e, no limite, da própria modernidade, tem ganhado sistematização teórica em tempos mais recentes⁴⁶. Ao invés de meramente absorverem ideias produzidas em outro lugar, os negros de São Domingos foram ativos na construção dessas próprias ideias, inclusive pelo fato de as levarem mais longe do que poderia qualquer branco à época, pois, para eles, como foi apontado mais acima, as palavras de ordem da revolução significavam muito mais.

Esse é o motivo pelo qual, na hora do perigo, Toussaint, apesar de inculto, encontrava a linguagem e o tom de Diderot, Rousseau e Raynal, de Mirabeau, Robespierre e Danton. E, de certa forma, superou a todos eles. Pois esses mestres da palavra falada e escrita, por causa das complicações de classe da sua sociedade, muitas vezes faziam pausas, hesitavam, avaliavam.

⁴⁴ Tradução do autor.

⁴⁵ Tradução do autor.

⁴⁶ Um dos mais notáveis exemplos contemporâneos de pesquisas que têm seguido essa direção é o trabalho de Susan Buck-Morss em *Hegel e o Haiti*. De acordo com a autora, Hegel tinha profunda ciência dos eventos que se desenrolavam na colônia francesa de São Domingos e lia essas notícias em seu café da manhã, no periódico *Mínerva* (Buck-Morss 143). A hipótese da autora é que esses eventos foram centrais para a elaboração da dialética do senhor e do escravo. A implicação é, primeiramente, que as narrativas acerca dos universais –afinal a obra de Hegel é reconhecida como um dos projetos mais ambiciosos de construção de uma história universal – são profundamente eurocêtricas, e que mesmo a crítica pós-colonial em certo sentido não conseguiu capturar justamente “como o universal foi construído no encontro colonial” (Tsing 1).

Toussaint pôde defender a liberdade dos negros sem reservas, e isso deu à sua declaração uma força e uma determinação raras nos grandes documentos daquela época. A burguesia francesa não podia entendê-lo. Rios de sangue correriam antes que ela entendesse que, por mais elevado que fosse o tom daquilo que Toussaint escrevia, nada era bombástico ou retórico; era a verdade nua e crua (James, *Os Jacobinos* 186).

Além disso, é essa agência dos revoltosos, a energia das massas, que colocava em cheque o monopólio dos universais ao gerar um curto-circuito na ambivalência do discurso colonialista, no melhor sentido de Homi Bhabha (129), ou seja, através da mímica. Causa uma perturbação psíquica ver os objetos ganharem vida e se voltarem contra você:

Mas à noite eles [os soldados franceses] ouviam os negros na fortaleza cantando a “marselhesa”, a “ça ira” e outras canções revolucionárias. Lacroix relatou que aqueles miseráveis extraviados estremeciam e olhavam para seus superiores quando ouviam as músicas, como se dissessem: “Será que os nossos inimigos bárbaros têm a justiça ao seu lado? Será que já não somos mais os soldados da República Francesa? E será que nos tornamos meros instrumentos políticos?” (James, *Os Jacobinos* 289).

Como foi visto, a ideia de que os escravos revoltosos, na perspectiva jamesiana, encarnam o espírito da modernidade e realizam suas promessas aparece em muitos intérpretes de sua obra. Em meio ao particularismo da situação em São Domingos, emerge o quarto deslocamento; o lugar de raça no livro. Uma das passagens do livro a qual muitos dos comentaristas se voltam é a seguinte: “A questão racial, em política, é subsidiária à questão das classes e pensar no imperialismo em termos de raça é algo desastroso. Mas negligenciar o fator racial como meramente incidental é um erro, menos grave apenas do que o tornar fundamental” (James, *Os Jacobinos* 259). Brett St. Louis recupera a discussão de Sundiata Keita Cha-Jua, para quem o núcleo do significado de James gira em torno do significado do termo “subsidiária” (St Louis 41), se ele implica ou não uma relação de determinação entre classe e raça.

O momento no qual esta passagem aparece, porém, é quando Toussaint ordena o fuzilamento de seu sobrinho, Hyacinthe Moïse, comandante da Província do Norte em São Domingos. Apesar de ter

abolido a escravidão, Toussaint manteve os negros trabalhando nas fazendas para patrões brancos, algo incompreensível para os ex-escravos. Moïse, que de acordo com James encarnava assim como Toussaint o espírito da Revolução, foi responsabilizado por Toussaint por uma rebelião de negros contra o regime em busca da emancipação total que não acreditavam ser politicamente possível com as práticas que, em sua visão, beneficiavam os brancos em detrimento dos negros. A revolta é violentamente reprimida por Toussaint, e “para os negros do Norte, já desencantados com a política de Toussaint, a execução de Moïse foi a desilusão derradeira” (James, *Os Jacobinos* 254).

Tony Martin diz que James foi “antes de tudo um marxista”⁴⁷, e que mesmo seu envolvimento com o pan-africanismo deve ser visto como resultado de suas atividades enquanto um marxista (Martin 186). Nesse sentido, Martin enxerga em James uma primazia da classe em relação à raça. A interpretação de Martin é corrente e, no entanto, embora mencione essa mesma passagem de *Os Jacobinos Negros*, centra suas reflexões nas atividades e produção de James enquanto o autor estava nos Estados Unidos e, portanto, acaba por não avançar tanto na discussão do que significou o tema no livro em questão. St. Louis ressalta que “James tem usos estratégicos e momentâneos de raça que são separáveis de uma análise de classe e política”⁴⁸ (St Louis 41). Considerar a existência de tais usos permite uma interpretação alternativa. Para James, raça parece por vezes ser dotada de alguma especificidade que justifica tratá-la nas análises como relativamente autônoma à classe, e não necessariamente determinada por ela, mas sim informando-a, e esse parece ser o caso em questão, onde encontra-se o núcleo do significado do termo “subsidiária”.

Na discussão sobre o assassinato de Moïse, raça tende a ser mais uma matriz de inteligibilidade para a questão de classe do que um epifenômeno desta, na medida em que a revolta organizada contra Toussaint colocava em cheque não a dominação de fazendeiros, mas sim de fazendeiros brancos, o que é algo muito diferente. Embora se possa argumentar que esse gesto, de um ponto de vista mais pragmático de análise política, represente “classe por outros modos”, James inequivocamente ressalta a inseparabilidade de forma e conteúdo no processo e denuncia, pois, a subsunção da raça à classe. “Se, na França, a monarquia fosse bran-

⁴⁷ Tradução do autor.

⁴⁸ Tradução do autor.

ca, os burgueses, mestiços e as massas, negras, a Revolução francesa teria sido registrada na História como uma guerra de raças” (James, *Os Jacobinos* 128). O deslocamento que apontamos se dá em relação a uma típica leitura marxista que, como Martin sinalizou, tende de fato a subsumir raça à classe. A posição de James é bem mais a de enxergar uma articulação entre as duas categorias, que quando vistas de maneira separada obscurecem a análise de eventos históricos, algo que só pode ser notado quando se atenta às passagens acerca de raça e classe no livro em sua totalidade, como a mencionada acima a respeito da Revolução Francesa e uma suposta divisão racial entre as classes ou naquela em que James observa que os escravos “leram” a revolução francesa nos únicos termos que lhes eram possíveis: “os escravos brancos da França se levantaram e mataram os seus senhores e, assim, passaram a gozar dos frutos da terra” (James, *Os Jacobinos* 87).

CONCLUSÃO

A leitura de *Os Jacobinos Negros* aqui proposta tentou se ancorar na trajetória de James sem, contudo, reduzir-se a ela. Para isso, optamos por combinar as reflexões de comentadores sobre sua biografia com as reflexões que o próprio autor fez de si, que, como dissemos, não dissocia estética de política. A obra na qual culmina esse exercício é *Beyond a Boundary*, e em seu primeiro capítulo James narra a influência distante e determinante que a janela de sua casa e a vista de Matthew Bondman tiveram sobre seu trabalho. Podemos encontrar aí condensados os elementos de influência intelectual que sinalizamos estar na raiz do projeto de *Os Jacobinos Negros*; a presença do humanismo britânico, da crua realidade da vida colonial e, em menor medida, de um marxismo negro. Podemos encontrar também na discussão acerca de Bondman uma modalidade de escrita que aparece incessantemente em outras obras do autor. Bondman aparece como um personagem mobilizado por James em seu argumento em prol da potência de realizações dos condenados da Terra. Tal como Calibã, que para encontrar sua própria identidade teve que se aventurar em regiões que César nunca conheceu, Bondman explorou regiões novas do críquete, Toussaint Louverture na política revolucionária e o próprio C. L. R. James na autoconsciência crítica da

modernidade, que captamos neste texto por meio dos deslocamentos que reconhecemos em *Os Jacobinos Negros*: a relação entre a escravidão e a vida moderna, a relação entre estética e política na narração de fatos históricos, a centralidade dos universais e o papel da agência negra em sua construção e a relação entre classe e raça. Em conjunto, eles manifestam o que chamamos de “a janela de James”, sua epistemologia nesse livro em particular.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, DAVID. “Looking Beyond the Boundary, or Bondman without the Bat: Modernism and Culture in the Worldview of C. L. R. James”. *Marxism, Colonialism and Cricket: C. L. R. James’s Beyond a Boundary*, David Featherstone, Christopher Gair, Christian Høgsbjerg y Andrew Smith, Durham e Londres, Duke University Press, 2018, pp. 103-123.
- BHABHA, HOMI. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2013.
- BOGUES, ANTHONY. *Caliban’s Freedom: The Early Political Thought of C. L. R. James*, Londres e Chicago, Pluto Press, 1997.
- BUCK-MORSS, SUSAN. “Hegel e Haiti”. *Novos estudos – CEBRAP*, Nº 90, São Paulo, 2011, pp. 131-171.
- BUHLE, PAUL. *The Artist as Revolutionary*, Nova York, Verso, 1988.
- CUDJOE, SELWYN. “C. L. R. James y la tradición intelectual de Trinidad y Tobago, o no se estudia Shakespeare debajo de un árbol de mango”. *New Left Review*, Nº 25, 2004, pp. 163-181.
- DU BOIS, WILLIAM EDWARD BURGHARDT. *As almas da gente negra*. São Paulo. Lacerda, 1999.
- FANON, FRANTZ. *Os condenados da Terra*. Juiz de Fora, Editora da UFJF, 2005.
- GATES JR, HENRY LOUIS. “Pós-fácio: a mais completa escuridão”. *Doze anos de escravidão*, Solomon Northup, São Paulo, Penguin Classics e Companhia das Letras, 2014.

- HALL, STUART. "C. L. R. James: a portrait". *C. L. R. James's Caribbean*, Henry Paget e Paul Buhle (eds.), Durhan, Duke University Press, 1992, pp. 3-17.
- HENRY, PAGET. *Caliban's Reason: Introducing Afro-Caribbean Philosophy*. Londres e Nova York, Routledge, 2000.
- HØGSBJERG, CHRISTIAN. *C. L. R. James in Imperial Britain*. Durhan, Duke University Press, 2014.
- JAMES, CYRIL LIONEL ROBERT. "Lecture on federation" (West Indies and British Guiana). *Marxist Internet Archive*, 1958. Web. Consultado em 21 de marzo de 2021. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/james-clr/works/1958/06/federation.htm>
- _____. "Reflections on Pan-Africanism". *Marxist Internet Archive*, 1973. Web. Consultado em 21 de marzo de 2021. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/james-clr/works/1973/panafricanism.htm>
- _____. *Beyond a boundary*. Nova York, Pantheon, 1983.
- _____. "The making of a literary life Interview with Paul Buhle". *C. L. R. James's Caribbean*, Henry Paget e Paul Buhle (eds.), Durhan, Duke University Press, 1992, pp. 56-63.
- _____. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo, Boitempo, 2010.
- _____. *A History of Pan-African Revolt*, Chicago, The Charles H Kerr Library, 2012.
- KELLEY, ROBERT. "Introduction". *A History of Pan-African Revolt*, C. L. R. James, Chicago, The Charles H Kerr Library, 2012, pp. 1-34.
- LAMMING, GEORGE. *The Pleasures of Exile*. Ann Arbor, Michigan University Press, 1992.
- MAKALANI, MINKAH. "'West Indian Through and Through, and Very British': C. L. R. James's Beyond a Boundary, Coloniality, and Theorizing Caribbean Independence". *Marxism, Colonialism and Cricket: C. L. R. James's Beyond a Boundary*, David Featherstone, Christopher Gair, Christian Høgsbjerg y Andrew Smith, Durham e Londres, Duke University Press, 2018, pp. 88-102.
- MARTIN, TONY. "C. L. R. James and the race/class question". *Race*, Nº 2, 1972, pp. 183-193.

- MCAULEY, CHRISTOPHER. *The mind of Oliver Cox*. Notre Dame, University of Notre Dame Press, 2004.
- RABBITT, KARA. "C. L. R. James's figuring of Toussaint-Louverture: The Black Jacobins and the literary hero", *C. L. R. James: His Intellectual Legacies*, Selwyn Cudjoe, Amherst, The University of Massachusetts Press, 1995.
- ROBINSON, CEDRIC. *Black Marxism: The Making of a Black Radical Tradition*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2000.
- SCHWARZ, B. "Where is cultural studies?". *Cultural Studies*, vol. 8, N°3, 1994, pp. 377-393.
- _____. "Introduction: Crossing the seas". *West Indian Intellectuals in Britain*, Bill Schwarz (ed.), Manchester, Manchester University Press, pp. 1-30.
- SCOTT, DAVID. *Conscripts of Modernity: The Tragedy of Colonial Enlightenment*. Durhan, Duke University Press, 2004.
- ST LOUIS, BRETT. *Rethinking Race, Politics, and Poetics: C.L.R. James's Critique of Modernity*. Nova York e Londres, Routledge, 2007.
- TSING, ANNA. *Friction: An Ethnography of Global Connection*. Princeton, Princeton University Press, 2005.
- WORCESTER, KENT. *C. L. R. James: A Political Biography*. Nova York, Suny Press, 1996.
- WYNTER, SYLVIA. "Beyond the Categories of the Master Conception: the Counterdoctrine of Jamesian Poiesis". *C. L. R. James's Caribbean*, Henry Paget e Paul Buhle (eds.), Durhan, Duke University Press, 1992, pp. 63-91.

Recepción: 13-11-20

Aceptación: 04-01-21